História Digital e Latino América – A Colômbia em destaque: entrevista com Maria José Afanador-Llach

Digital History and Latin America – Colombia in the spotlight: interview with Maria José Afanador-Llach

Historia digital y América Latina – Colombia en la mira: entrevista con María José Afanador-Llach

Ronald Canabarro[1]



María José Afanador Llach, Doutora em História pela Universidad de Texas em Austin (Estados Unidos), professora associada na Universidad de Los Andes - Uniandes - Colômbia

Breve biografia

Doutora em História pela Universidade do Texas em Austin (Estados Unidos), atualmente é professora associada de Humanidades Digitais na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Los Andes (Colômbia). Sua pesquisa se concentra em duas áreas principais: o século XVIII e a transição de colônia para república no norte da América do Sul, analisada através de práticas espaciais, imaginação geográfica e economia política; e a segunda sobre a pedagogia das humanidades digitais, arquivos digitais, história digital, curadoria de dados espaciais e narrativas cartográficas. É editora do *The Programming Historian* em espanhol, e membro do comitê base da *Red Colombia de Humanidades Digitales*.

As discussões sobre História Digital e suas nuances no contexto das Humanidades Digitais têm se intensificado, especialmente na América Latina. Esse crescimento precisa ser refletido não apenas a partir do avanço tecnológico, mas também através de um compromisso ético e político com a ampliação do conhecimento e a inclusão de vozes historicamente

[1] *Doutor em História, Política e Bens Culturais - Fundação Getúlio Vargas - FGV, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3548-3968. . E-mai: ronaldcanabarro@gmail.com.*

marginalizadas. A História Digital, como campo cada vez mais em crescimento, propõe narrativas que transcendem o texto escrito, explorando novas formas de visualizar e interpretar o passado por meio de ferramentas digitais. Ao fazer isso, o campo e as comunidades de prática, buscam questionar alguns dos paradigmas tradicionais da pesquisa histórica, na intenção de promover um diálogo mais acessível, interativo e, também, mais inclusivo entre pesquisadores, estudantes e as demais pessoas interessadas em História.

Neste contexto é que surge a entrevista com a professora Maria José Afanador Llach, realizada por e-mail em 24 de setembro de 2024. O resultado apresentado oferece uma oportunidade para refletirmos sobre os desafios e potencialidades das Humanidades Digitais e da História Digital na América Latina. Professora associada da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade dos Los Andes (Uniandes), em Bogotá, Afanador Llach é, atualmente, uma importante referência na área, integrando tecnologias digitais à pesquisa histórica com rigor acadêmico e inovação metodológica. Sua trajetória é marcada por uma abordagem interdisciplinar que conecta História, Geografia e Ciência da Computação, promovendo narrativas espaciais e cartográficas que questionam as hierarquias do conhecimento colonial.

A professora ocupa um lugar de destaque nos campos das Humanidades Digitais e da História Digital na América Latina. Sua trajetória acadêmica e profissional é marcada por uma abordagem inovadora e decolonial na democratização do conhecimento histórico. A partir de seu doutorado na Universidade do Texas em Austin, Afanador Llach iniciou sua investigação sobre as potencialidades dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) na visualização de documentos coloniais que descrevem paisagens, rios, recursos naturais e redes comerciais no *Virreinato de Nova Granada.* Essa inquietação inicial impulsionou seu interesse pelo digital, culminando na sua atuação como pesquisadora, docente e editora de importantes iniciativas voltadas à expansão dos campos das Humanidades Digitais e da História Digital.

Entre uma das suas contribuições, pode-se destacar o uso de SIG (Sistema de Informação Geográfica) para reinterpretar a cartografia colonial e as narrativas espaciais da América Latina. Essa metodologia não apenas amplia a compreensão de fenômenos históricos complexos, mas também desafia algumas das narrativas hegemônicas, incluindo atores sociais tradicionalmente invisibilizados, como comunidades indígenas e populações afrodescendentes. Ao reconstruir paisagens históricas e reinterpretar mapas coloniais, seu trabalho evidencia o potencial das ferramentas digitais para promover uma historiografia mais inclusiva e crítica.

Sua atuação na digitalização e disponibilização de arquivos históricos em contextos de escassez de recursos demonstra parte dos seus esforços de ampliação da produção de conhecimento histórico. Seu trabalho na *Fundación Historica Neogranadina* mostra um compromisso em tornar acessíveis milhares de documentos coloniais através de tecnologias de baixo custo. Esse esforço age como um descentralizador dos centros de produção acadêmica e promove uma abordagem mais inclusiva para pensar e fazer a pesquisa histórica.

Além de suas pesquisas, ela desempenha um papel importante na democratização do conhecimento e das tecnologias digitais. Como editora da versão em espanhol do *The Programming Historian* e integrante da *Red Colombiana de Humanidades Digitales,* ela busca tornar as ferramentas digitais acessíveis às comunidades de falantes do espanhol, enfrentando barreiras econômicas e linguísticas que perpetuam desigualdades no acesso ao conhecimento. Para ela, a inclusão digital não se apresenta apenas como uma questão técnica, mas um compromisso ético e político com a justiça epistêmica.

Na entrevista, Maria José reflete sobre os desafios de construir comunidades interdisciplinares de pesquisa em um contexto acadêmico ainda marcado por divisões disciplinares muitas vezes rígidas e/ou pouco abertas a cooperação interdisciplinar. Ela enfatiza a importância da colaboração entre historiadores, geógrafos, cientistas da computação e outros profissionais para transformar e ampliar as metodologias de pesquisa. Essa visão, como podemos observar, está alinhada às tendências internacionais que reconhecem a interdisciplinaridade como um caminho para enfrentar desafios complexos.

Por fim, é possível afirmar que a entrevista com Maria José Afanador Llach não apenas ilumina as possibilidades abertas pelas tecnologias digitais, mas também questiona os limites tradicionais da pesquisa histórica. Ao combinar inovação metodológica, compromisso ético e uma visão interdisciplinar, seu trabalho contribui para uma compreensão mais rica e inclusiva do passado, reafirmando o potencial das Humanidades Digitais e da História Digital como ferramentas de transformação social e descolonização do conhecimento. Em um mundo acadêmico cada vez mais digitalizado, a atuação da professora e pesquisadora mostra como a tecnologia pode ser utilizada para romper barreiras históricas, geográficas e epistemológicas, promovendo um conhecimento mais acessível, dinâmico e plural.

Ronald Canabarro (RC): Muchas gracias por su disponibilidad, profesora. Empecemos conociendo un poco mejor sobre usted. ¿Cómo se dio su acercamiento al campo de la Historia Digital? ¿Podría ofrecernos un panorama más amplio de su trayectoria profesional?

Maria José Afanador Llach (MJA): Mi interés en la historia digital inició durante mi doctorado en la Universidad de Texas en Austin haciendo trabajo de archivo con documentos de burócratas, naturalistas, militares y misiones que describieron caminos, ríos, recursos naturales, rutas comerciales y en general el potencial de producir riqueza en el Virreinato de la Nueva Granada durante el siglo XVIII. Como estos documentos que describían el paisaje comencé a imaginarme la posibilidad de visualizar estos relatos con Sistemas de Información Geográfica (SIG). Empecé a aprender un poco sobre cómo hacer mapas digitales, pero fue cuando encontré una convocatoria para participar en una conferencia de Humanidades digitales en 2013 en Alemania[2] que me conocí el campo de las Humanidades Digitales.

La participación en este evento fue un punto de inflexión, pues fue ahí que conocí el trabajo de investigación en humanidades digitales y encontré el trabajo de personas influyentes como Lev Manovich y Jeffrey Schnapp. A partir de ese momento me interesé en conocer más y aprender. Ahí postulé para participar en un curso llamado *Visualizing Venice* en 2014 para aprender una serie de habilidades digitales durante dos semanas[3]. Después de mi participación me vinculé con el Blog del Departamento de Historia de la Universidad - *Not Even Past* - y escribí algunas piezas sobre humanidades digitales e historia digital.

En 2015 me vinculé como voluntaria para trabajar con otros colegas historiadores en la Fundación Histórica Neogranadina[4]. Una organización sin ánimo de lucro que construía escáneres de bajo costo (*Do It Yourself*) para digitalizar miles de documentos coloniales en archivos históricos en Colombia con pocos recursos para digitalizar, conservar y hacer accesibles sus archivos en digital. Con esta comunidad aprendí mucho sobre procesos de digitalización, apoyé la gestión de un proyecto de catalogación colaborativa y coordiné un

2 (Digital) Humanities Revisited – Challenges and Opportunities in the Digital Age. Herrenhäuser Konferenz. Hannover, Germany, 05.12.2013 - 07.12.2013. Disponível em: https://www.hsozkult.de/event/id/event-73300. Acesso em: 27 dez. 2024

3 Digital art history & Visual Culture Resarch Lab – Duke. Visualizing Venice: The City and the Lagoon. Venice, Italy, 03.06.2014 – 13.06.2014. Disponível em: https://dahvc.org/2014/06/03/20140603-visualizing-venice-the-city-and-the-lagoon/. Acesso em: 30 dez. 2024.

4 NEOGRANADINA. Disponível em: http://www.neogranadina.org. Acesso em: 30 dez. 2024.

proyecto de digitalización de periódicos con el Centro Nacional de Memoria Histórica (Afanador-Llach; Lombana-Bermudez, 2022).

El mismo año que terminé mi doctorado, 2016, se abrió una convocatoria para conformar un equipo editorial en español en *Programming Historian*[5] y me postulé y quedé seleccionada con junto con Antonio Rojas y Víctor Gayol para asumir el reto de traducir la interfaz del proyecto al español y comenzar a movilizar la traducción de lecciones o tutoriales al español. Esto incluyó además promover la producción de tutoriales originales en español y ayudar a gestar una comunidad hispanohablante en el campo. Al año siguiente regresé a Colombia y comencé a dictar clases de cátedra en la naciente Maestría en Humanidades Digitales de la Universidad de los Andes. Iniciando 2018 me vinculé como profesora asistente y coordinadora de la maestría. En esta posición he llevado a cabo diferentes proyectos entre los que destaco mi proyecto *Inventar Colombia: una mirada desde el Orinoco*, una investigación de historia espacial digital sobre territorialidades indígenas en la región del Orinoco que culminó con la conceptualización y desarrollo de un recurso digital interactivo (Afanador-Lach; Gonzalez; Romero; Puentes, 2023). También quiero destacar el trabajo con el profesor titular de historia Jaime Borja en la Universidad de los Andes con quien hemos liderado el semillero "Historia y humanidades digitales" y actualmente un un proyecto sobre historia de la web y el Internet en Colombia.

RC: En su artículo "*Interface Design in Digital History: An Interdisciplinary Dialogue*", ha abordado las intersecciones entre el *Design* y la Historia Digital. ¿Podría profundizar un poco más en esta temática?

MJA: Es un tema que encuentro muy interesante, en el sentido en que mucha de la producción en historia digital se despliega en *interfaces web* que tiene el potencial de comunicar o lograr que un usuario experimente de manera visual e interactiva lo que en la producción académica tradicional sería un argumento. Esta pregunta por las interfaces digitales en la historia digital surge de una conversación con mi hermana diseñadora Camila Afanador. En esta ponencia analizamos varios proyectos de historia digital en relación con sus interfaces digitales y visualizaciones de datos. Nos interesaba cuestionar cómo las plataformas y convenciones de

5 PROGRAMMING HISTORIAN. Versão em espanhol. Disponível em: https://programminghistorian.org/es. Acesso em: 30 dez. 2024.

visualización de datos pueden limitar o guiar una interpretación específica de los procesos históricos.

RC: ¿Cómo valora la influencia del Design en el acceso y la comprensión de la Historia Digital?
MJA: Los historiadores pueden adoptar prácticas de diseño y formas visuales de hacer investigación en colaboración con los diseñadores. El uso y diseño de interfaces digitales para ayudar en los procesos de interpretación de las fuentes contrasta con el hecho de que los diseñadores comiencen un proyecto teniendo en cuenta normalmente un público final y unos objetivos que cumplir relacionados con dicho público. El hecho de que los proyectos de historia digital se publiquen en Internet hace que sea importante tener en cuenta cómo otras personas, sin intereses académicos, podrían percibir y aprender de los sitios web públicos. La cuestión de qué debe conseguir una interfaz gráfica y su arquitectura de la información para el investigador y para otros públicos se convierte entonces en una cuestión central.

RC: Su labor abarca diversas áreas, incluyendo la docencia en los niveles de pregrado y posgrado en Humanidades Digitales, así como su rol como editora en *Programming History*, entre otras actividades. ¿Cuáles son los principales desafíos y obstáculos que ha enfrentado en estos proyectos?
MJA: Como profesora representante de la Maestría en Humanidades Digitales (HD) he trabajado por el desarrollo de un currículo riguroso, crítico e interdisciplinario, afín a las innovaciones metodológicas y teóricas que las humanidades digitales han incorporado en su quehacer. Uno de los mayores desafíos ha sido promover la participación en la maestría de profesores y tutores de proyectos de grado de diferentes disciplinas como arte, diseño, historia, literatura, ingeniería de sistemas, educación, patrimonio cultural. En un mundo académico estructurado alrededor de departamentos, trabajar en un área transversal en mi facultad ha sido un reto en parte por la falta de una comunidad organizada dentro de la estructura de un departamento. Gestionar y fortalecer un programa cuya esencia es interdisciplinar ha sido un desafío. Creo que otro desafío es lograr posicionar a las HD con un espacio de investigación con implicaciones epistemológicas y teóricas frente a visiones predominantes de lo digital como un asunto meramente técnico.

RC: Teniendo en cuenta que Colombia es tanto su país de origen como su lugar de actuación profesional, ¿cómo describiría el desarrollo de las discusiones y los proyectos en Historia Digital y Humanidades Digitales en el país?

MJA: El desarrollo de discusiones, proyectos, espacios de formación y comunidades sobre historia digital y HD aun son periféricos, aunque creo que están llegando a un momento de posible aceleración con la llegada de la inteligencia artificial generativa. También los procesos de transformación en varias universidades de cara al cambio demográfico y la disminución del número de estudiantes han llevado a algunas instituciones a volcarse hacia las HD como una posible respuesta a la renovación curricular y repensar el lugar de la universidad en la sociedad contemporánea. Ya se encuentran cursos y diplomados sobre humanidades digitales en el país y parece que se está movilizando el interés por el campo desde las universidades y no desde iniciativas y proyectos individuales. La Red Colombiana de Humanidades Digitales [6] ha trabajado por agrupar a las comunidades y de instituciones culturales y de la memoria que le apuestan a reconocerse en el campo y gestar proyectos, discusiones y producción académica desde Colombia.

RC: ¿Cómo percibe el papel de América Latina en el contexto de la expansión global de las Humanidades Digitales?

MJA: Creo que los investigadores que se reconocen dentro del campo de las HD en América Latina han contribuido a situar la discusión sobre el campo en contextos globales. Por ejemplo, en el volumen de Global Debates in Digital Humanities encontramos varias contribuciones sobre casos latinoamericanos dentro de una conversación global que incluye China, Rusia, Polonia, Asia del este y del sur, entre otros.

Una línea de trabajo importante en estos problemas locales y globales de practicar las humanidades digitales se relaciona con la diversidad geográfica de sus practicantes, las infraestructuras, el multilingüismo, el acceso abierto, etc. Investigadoras como Isabel Galina y Gimena del Rio Riande han hecho contribuciones muy importantes en varios de estos temas.

Desde mi perspectiva, hablar del lugar de América Latina en las HD debe pasar por pensar el problema del acceso a recursos valorados como el *hardware, software*, infraestructuras digitales

6 RED COLOMBIANA DE HUMANIDADES DIGITALES. Disponível em: https://rchd.com.co. Acesso em: 30 dez. 2024.

y el conocimiento para el almacenamiento, gestión, procesamiento, análisis y publicación de fuentes digitalizadas o nacidas en digital. Estos recursos están desigualmente distribuidos. Esta situación impacta la producción de conocimiento en Humanidades Digitales en América Latina donde el desarrollo del campo ha sido tardío en comparación con países del norte global. La historia de América Latina es central para comprender el lugar de las HD en la región y creo que el papel de la región es importante para llamar la atención sobre la geopolítica del conocimiento que sitúa a regiones con un pasado colonial en una situación de desventaja en la participación en el ecosistema del conocimiento y el acceso a los medios de producción en entornos digitales. Esto lo he discutido en mi reciente publicación , "Las Humanidades Digitales y los retos de acceso a la cultura en América Latina" (Afanador Lach, 2024). Esto hace que lo que se hace en HD en la región se estén dando unos desarrollos singulares en el campo. La tesis doctoral del profesor de la Maestría HD de Uniandes, Sergio Rodríguez, indaga sobre las tensiones y trayectorias del campo en el contexto latinoamericano.

RC: ¿Qué estrategias considera viables para fomentar el crecimiento y la expansión de la Historia Digital y las Humanidades Digitales en América Latina?
MJA: Las redes y asociaciones de humanidades digitales, en Brasil, Argentina, Colombia, México y Cuba, que son las que conozco, vienen cumpliendo un papel fundamental en este sentido. Eventos como la SemanaHD[7], o publicaciones como la Biblioteca de Humanidades Digitales y el pronto a publicarse primer volumen de la Colección de Humanidades Digitales de la Universidad de los Andes, son todas estrategias que permiten movilizar la comunidad práctica de las HD y apoyar a la institucionalización del campo. Las estrategias para valorar productos de investigación digital en la web son también importantes para fomentar el crecimiento del campo de las facultades de humanidades y departamentos de historia.

RC: Para concluir, ¿qué recomendaciones daría a los profesionales que desean iniciar su carrera en los campos de la Historia Digital y las Humanidades Digitales?

7 SEMANA DE HUMANIDADES DIGITALES. De 20 a 25 maio 2024, on-line. Disponível em: https://semanahd.cuaieed.unam.mx/. Acesso em: 30 dez. 2024.

MJA: Creo que es importante leer sobre el campo en artículos y libros y revisar proyectos digitales disponibles en la web. Cada vez hay una mayor oferta de formación sobre el campo en español y ese es un buen lugar para comenzar. Un lugar para comenzar a leer es la Revista de Humanidades Digitales. Recomiendo además en la producción anglosajona la serie de libros de Debates in the Digital Humanities editados por la Universidad de Minnesota en Estados Uniandes, se encuentran en acceso abierto. Sobre espacios de formación, además de las maestrías que ya existen, en la Universidad de los Andes ya tenemos dos cursos virtuales abiertos al público general, uno sobre fundamentos en humanidades digitales, y otro sobre gestión y análisis de datos para las humanidades. En la UNAM tienen un MOOC sobre humanidades digitales, en Argentina está la diplomatura en humanidades digitales. Otro recurso recomendado para aprender flujos metodológicos en digital es Programming Historian, tanto em español cuanto em outras lenguas disponibles. Ahí publicamos tutoriales revisados por pares dirigidos a humanistas que quieran aprender una amplia gama de herramientas digitales, técnicas computacionales y flujos de trabajo útiles para investigar y enseñar.

Referências

AFANADOR-LACH, Camila; AFANADOR-LACH, Maria José. **Interface design in digital history:** an interdisciplinary dialogue. ¿Conferencia Memory Full? Reimagining the Relations between Design and History, virtual. Organizado por FHNW Academy of Art and Design, Basel, Switzerland, 2-4 sept. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.26254/med/6334. Acesso em: 30 dez. 2024.

AFANADOR-LLACH, Maria José; GONZÁLEZ, Santiago; ROMERO, Laura; PUENTES, Pierre (Ed.). **Inventar Colombia:** una mirada desde el Orinoco. Bogotá, Colômbia: Universidad de los Andes, 2023. Disponível em: https://inventarcolombia.uniandes.edu.co/. Acesso em: 30 dez. 2024.

AFANADOR-LACH, Maria José; LOMBANA-BERMUDEZ, Andres. **Developing New Literacy Skills and Digital Scholarship Infrastructures in the Global South**. A Case Study. In: FIORMONTE, Domenico; CHAUDHARI, Sukanta; RICAURTE, Paola (Ed.). Global Debates in the Digital Humanities. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.5749/9781452968919. Acesso em: 30 dez. 2024.

AFANADOR-LACH, Maria José. **Las Humanidades Digitales y los retos de acceso a la cultura en América Latina.** In: KRAFT, T.; ROJAS CASTRO, A.; TERRÓN QUINTERO, G. (Ed.). Archivos Abiertos: El patrimonio documental cubano y la transformación digital. Berlin; Boston: De Gruyter, 2024. p. 201-214. Disponível em: https://doi.org/10.1515/9783111187846-009. Acesso em: 30 dez. 2024.

Submetido em: 07/03/2025
Aceito em: 10/03/2025